

Um milagre da solidariedade profissional

A vida de seiscentos anciãos na Casa de Repouso de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO depende unicamente da classe

Seiscentas pessoas idosas e cinquenta crianças pobres têm os seus destinos ligados à Casa de Repouso dos Inválidos do Comércio, que neste momento atravessa uma fase particularmente difícil. É cada vez maior o número de associados que requerem a sua admissão e, por outro lado, crescem, em ritmo alarmante, as despesas de subsistência e os salários do pessoal. As necessidades aumentam, a despesa cresce dia a dia, e as receitas, que provêm quase exclusivamente das quotas dos associados, têm-se mantido estacionárias. Que se vai fazer? Limitar o número de assistidos ou pelo menos das inscrições? Recuar na qualidade da assistência prestada, através de uma política de austeridade que reduza ao mínimo as despesas de alimentação e a comodidade do equipamento? Pedir à Divina Providência que apresse a morte de alguns beneméritos que prometem legados em testamento? Nenhuma destas soluções merece o agrado da actual direcção, que justamente em 30 de Março passado propôs à assembleia geral o aumento das quotas dos actuais contribuintes, proposta que acabou por ser aprovada. Deste modo, os sócios que pagavam a quota de 7\$50 são agora convidados a contribuir com 12\$50 por mês. É um pequeno sacrifício que se pede a cada um, a fim de que a obra possa continuar e até progredir, para bem de todos.

Mas, o problema dos Inválidos do Comércio pareceu-nos tão importante que nos deslocámos ao Lumiar, a fim de podermos esclarecer os quinhentos mil profissionais e o público em geral acerca do valor de uma obra que prestigia a classe e o País.

Referindo-se ao número dos actuais sócios (50 000 em todo o País, cerca de dez por cento dos profissionais da classe), o secretário da direcção afirmou-nos com todo o realismo: «Esta obra



«Vivo, há vinte anos, na Casa de Repouso. Vou fazer agora 89 de idade. E só tenho uma razão de queixa: de não poder viver aqui pelo menos vinte anos mais»

vive, há quarenta anos, da generosidade dos sócios profissionais do comércio. Se os sócios actuais forem tão generosos como os antigos, ou ao menos, se pensarem que poderão um dia precisar desta casa, não tenho dúvidas de que aceitarão o pequeno sacrifício que lhes pedimos. Sendo assim, espero que não tenhamos de fechar a inscrição nem de baixar o nível da assistência prestada.» É bem compreensível, de resto, esta preocupação de não fazer marcha atrás. Se se pode observar a boa disposição e mesmo a alegria dos residentes da Casa de Repouso que ali vivem em plena liberdade como em sua casa; se as pessoas idosas da classe comercial não conhecem os complexos de um asilo nem a solidão da velhice ao desamparo; se é geral a simpatia do público que admira nos Inválidos do Comércio

uma instituição digna de todo o apreço — tudo isto só foi possível porque a obra se apresenta como um esforço pioneiro de assistência à «terceira idade», desde a altura da sua fundação.

— Nem por hipótese queremos admitir o retrocesso — diz-nos o sr. Mata — numa época em que justamente se começa a pensar, entre nós, numa política assistencial que permita às pessoas idosas levarem uma vida normal. Quem trabalhou uma vida inteira tem direito a viver decentemente quando já não tem forças para trabalhar.

Entretanto, a Associação não quer limitar-se a esperar uma solução a longo prazo que já se anuncia a nível nacional. É cada vez maior o número das pessoas idosas (perto de dez por cento da população portuguesa tem idade superior a 65 anos) e também é certo que as dificuldades familiares aumentam constantemente não só porque o espaço reduzido das casas se tornou superlotado, como pelo facto de as pessoas idosas numa época em que a mulher trabalha normalmente fora do lar, se acharem condenadas ao isolamento durante o dia inteiro. Estes factos, a que se devem juntar o desejo de independência dos filhos casados e as maiores dificuldades psicológicas do choque das gerações têm levado à solução, já vulgar em muitos países, dos clubes ou lares e hotéis especializados em que as pessoas idosas podem encontrar o seu ambiente e os seus gostos, num convívio sereno e repousante.

A associação dos Inválidos do Comércio está orientada nesta linha, mais por intuição humanista do que por exigências de técnicas de serviço social. Presentemente os estatutos obrigam à desintegração de família dos internados, visto não consentirem que os cônjuges dos beneficiários residam com eles na Casa de Repouso, quando não tenham sido profissionais do comércio. A situação é, por assim dizer, anómala, tanto mais que existe, ao lado do pavilhão dos homens, um pavilhão de mulheres. Quando os dois cônjuges foram profissionais do comércio, podem evidentemente ser admitidos em conjunto, mas a Casa de Repouso tem apenas 20 quartos para casal. Felizmente que o regime interno permite a maior liberdade de entrada e saída, a todas as horas, o que torna possível ao residente deslocar-se a qualquer ponto da cidade para ver as pessoas de família. É todavia um condicionamento imperfeito que, além disso, não aproveita aos mais idosos e doentes, por não terem forças para se deslocarem.

Quanto ao mais, só encontrámos na Casa de Repouso motivos de elogio e de admiração. São os

próprios residentes que dão testemunho da sua felicidade. Vive-se ali em ambiente de família. As pessoas sentem que a casa é sua, porque é da sua classe, porque foram contribuintes durante vários anos, porque a solidariedade não foi na sua vida uma palavra oca. Sem complexos, sem favores de ninguém.

«Estamos aqui como em nossa casa»



«Os livros e os jornais são a principal distração de muitos. O melhor que a nossa casa tem é que aqui somos todos iguais: o comerciante e o moço de armazém» — diz-nos um residente nos Inválidos há 18 anos

Muitos foram até comerciantes folgados. Mas a vida deu a volta, os filhos seguiram o seu caminho ou não chegaram a nascer. Como o sr. Mariano Ruivo, que fomos surpreender a cavaquear com outros amigos, à sombra das oliveiras da cerca. «Não há nada melhor do que isto — esta é a realidade. Roupa limpa, comida boa (às vezes... é como na nossa casa: nem sempre se gosta). É claro que nós preferíamos viver por nós próprios, mas paciência. Não tive culpa nenhuma de a vida me ter falhado. Não estraguei o meu negócio, não senhor. As doenças e as trapalhadas da vida é que me levaram tudo. E depois de ter sido patrão durante tantos anos, ainda procurei emprego de balcão. Mas, qual quê? Quem é que quer ser aviado por um velho atrás do balcão? Quando um empregado de balcão já não tem dentes nem cabelo e começa a tremelicar das pernas, nem as novas nem as velhas querem ser aviadas por ele. Quando vim para cá, habituado a trabalhar, estranhei muito de não fazer nada. Mas depois, a gente começa a conhecer amigos, passa-se o tempo nas calmas. A casa é tão boa, que eu acho que não pode haver melhor. Melhoramentos? Ele sempre há para aí alguns que nunca estão satisfeitos. Na sua pro-

fissão não é assim também? Mas eu, digo-lhe com toda a franqueza da minha alma, para mim não há melhor. Mas ouço dizer que a enfermaria precisava de ser aumentada. (Só se for isso e a lotação dos quartos: somos seis em cada quarto — e cinco é que estava mesmo bem.)

Percorremos a casa toda. Falámos com dezenas e dezenas de homens e de mulheres. E a opinião de todos era sempre a mesma. Que não há melhor, que não podiam desejar melhor fim de vida, que são tratados com todo o carinho, que a classe comercial é que é boa. «Somos sócios há 30 anos e entrámos para aqui há dois meses — diz-nos a sr.^a D. Laura Afonso, ao lado de seu marido, António Augusto da Cunha. — Isto, aqui, é um paraíso, sem renda de casa nem recibos da água e da luz. Só dou graças a Deus de ter encontrado um sítio para acabar os meus dias, ao lado do meu marido.»

Na sala-de-estar das mulheres e casais, alguns grupos conversam animadamente. Folheiam-se as revistas, ouve-se o rádio ou a televisão. Ao canto, algumas amigas entretêm-se com o «crochet». Nas paredes, em painéis de azulejos, alguns pensamentos de Alexandre Ferreira, o fundador da Instituição, resumem o espírito que se vive na casa: *Não desejamos que a velhice seja uma agonia ou a morte, mas o crepúsculo das cores vivas do Sol — vida que desaparece no Ocaso, sem dores, nem queixumes.*



«Não podíamos aspirar a outra coisa de melhor. Não tínhamos meios para viver. As famílias de agora não sentem obrigação de aturar os velhos. E a vida está muito cara: quase cem vezes o dobro»

Conversámos com muitos outros residentes. Não falam muito. Repetem-se constantemente para frisar que são felizes como ninguém. «Estamos em nossa casa — que mais podemos desejar?»

Por estranho que pareça, não é fácil encontrar ressabiados, como seria normal em pessoas que foram desligadas da família. «As famílias, hoje, não sentem obrigação de aturar os velhos. As casas são pequenas, as pessoas trabalham fora e, ainda por cima, a vida é mais cara, a quase cem vezes o dobro.»

Uma mensagem de saudade. A sr.^a D. Lucinda Rodrigues Lourenço, empregada durante muitos anos no nosso jornal, sentiu-se feliz de ver gente da casa: «Ponha lá que eu tenho muitas saudades do *Século*. É tudo. De resto, estou bem e muito feliz.»

Um mundo de problemas que aguardam solução

Mas nem tudo são rosas nesta Casa de Repouso. Longe disso. Se os residentes vivem felizes e despreocupados, já o mesmo se não pode dizer dos dirigentes e responsáveis. Eles sabem que é preciso renovar, ampliar, actualizar uma obra que, no seu tempo, foi de vanguarda e que não pode subsistir sem a generosidade e a solidariedade da massa associativa. Quantas lutas e

«Sob o ponto de vista social, não temos que considerar sexos, mas sim indivíduos que actuam no meio com o seu valor próprio e a sua dignidade, sendo a mulher, tal como o homem, um ente a quem tem de ser reconhecido o direito ao trabalho. Ela só pode ter uma situação moral bem definida na sociedade, quando obtinha a sua liberdade e independência económica.»

Alexandre Ferreira

canseiras, quantas noites sem dormir!

É a enfermaria com 120 camas que precisa de ser aumentada (projecta-se a construção de um edifício para 270 doentes). São as dificuldades do pessoal (50 criadas e outros tantos empregados de secretaria, cujos salários têm de ser constantemente actualizados). É o desconto para a Previdência (dantes apenas 6 % sobre o ordenado de 1500\$00, agora 12 % sobre o ordenado real), o que se compreende até certo ponto, mas talvez se pudesse resolver de outra maneira, como se fez para os impostos fiscais, de que a instituição foi isenta.

E mais. Que dizer das dificuldades de todos os dias? («O siso também se desgosta e vêm as turras e os melindres de toda ordem», como nos disse o sr. Mariano Ruivo, com toda a boa disposição.) É um trabalho heróico, cheio de amor e sacrifício o daqueles que dedicam a vida a tratar de pessoas idosas, doentes, com formação humana ou sem ela. Bem andam os dirigentes da obra, quando projectam pedir a colaboração dos técnicos de serviço social. Porque a dedicação e o bom-senso precisam de ser enquadrados pelos recursos de uma técnica especializada, que certamente ajudaria a encontrar solução para alguns problemas psicológicos e de organização funcional inevitáveis numa casa desta natureza e deste vulto.

E chegamos ao fim, sem poder dizer tudo. Uma simples visita, uma reportagem apressada, um milagre de solidariedade profissional nunca de mais conhecido. É um mundo de problemas para resolver, para que a Casa de Repouso dos Inválidos do Comércio continue a ser o orgulho de toda uma classe e um exemplo a seguir numa política de assistência à terceira idade, integrada no contexto mais vasto de uma política social.



«Estou aqui há catorze anos e parece que entrei ontem. Melhor do que isto não há» — testemunho do antigo comerciante Francisco dos Reis, que encontramos a passear com sua esposa, à sombra da latada da Casa de Repouso

Texto de AVELINO RODRIGUES e fotos de FERNANDO BAIÃO

**PROFISSIONAIS
DO COMÉRCIO:**
**Ajudando esta Instituição,
ajudam-se a si próprios!**